



**O
Livro
Os Espíritos e os Médiuns
De Leon Denis**



Índice

	Capítulo I
O Espiritualismo Experimental	
	Capítulo 11
Os Fenômenos Espíritas	
	Capítulo 111
Natureza da Mediunidade	
	Capítulo IV
Prática da Mediunidade	
	Capítulo V
Análise da Mediunidade	

Índice de Nomes Próprios.....

Capítulo I

O ESPIRITUALISMO EXPERIMENTAL

Em nossos dias, mais do que nunca, o Espiritismo chama a atenção do público. Trata-se com freqüência de casas mal-assombradas, de fenômenos de telepatia, de aparições e materializações de espíritos.

A ciência, a literatura, o teatro e a imprensa deles se ocupam constantemente; e as experiências do Instituto Metapsíquica, os testemunhos do grande escritor inglês Conan Doyle e as averiguações feitas por alguns jornais parisienses dão a esta questão um caráter de atualidade permanente.

Examinemos, pois, este problema e averigüemos por que o Espiritismo, tão freqüentemente sepultado, reaparece sem cessar e cresce dia-a-dia o número de seus partidários.

Não é por acaso uma coisa estranha?

Talvez, na História, jamais se tenha produzido nada igual.

Nunca se viu um conjunto de fatos, considerados impossíveis a princípio, cuja única idéia provocava, em geral, antipatia, receio, desdém; fatos que excitavam a hostilidade de várias instituições seculares, acabar por impor-se à atenção e até à convicção de homens cultos, competentes, autorizados por suas funções e por seu caráter.

Esses homens, no começo céticos, terminaram por reconhecer e afirmar a realidade dos aludidos fenômenos, depois de estudar, investigar e experimentar.

O ilustre sábio inglês William Crookes, conhecido no mundo inteiro pelo descobrimento do estado radiante da matéria, que durante três anos obteve em sua casa materializações do espírito Katie King, em Condições de controle rigoroso, falava a propósito dessas manifestações: "Eu não digo que isto seja possível, eu digo: isto é. Oliver Lodge, reitor da Universidade de Birmingham, membro da Sociedade Real, escreveu: "Fui levado pessoalmente à certeza da existência futura, por provas que repousam sobre uma base estritamente científica."

Frederico Myers, professor de Cambridge, a quem o Congresso Oficial Internacional de Psicologia de Paris, em 1900, elegeu Presidente de Honra, em seu

admirável livro "A Personalidade Humana", chega à conclusão de que nos vêm de além-túmulo vozes e mensagens.

Falando da médium Mrs. Thompson, escreve: "Creio que a maioria destas mensagens vem de espíritos que se servem temporariamente do organismo dos médiuns para no-las dar."

O célebre professor Lombroso, de Torino, na "Leitura": "Os fatos da casa de duendes, nas quais durante anos se reproduzem aparições e ruídos, de acordo com o relato de mortes trágicas observados sem a presença de nenhum médium, atestam em favor da ação dos mortos. Com freqüência, se trata de casas desabitadas, onde esses fenômenos se produzem durante várias gerações e muitas vezes durante séculos."

O Senhor Boutroux, filósofo bem conhecido, dissertava, faz pouco, em brilhantes conferências acerca dos Espíritos e as comunicações medianímicas, assegurando que A porta subliminal é a abertura por onde o divino pode entrar na alma humana..

"Às vezes, dizia, as revelações espíritas é tão estranho que parece efetivamente o médium estar em comunicação com diferentes seres dos que lhe são acessíveis normalmente."

William James, reitor da Universidade de Harvard, New York, eminente psicólogo falecido há alguns anos, afirmava a verossimilhança das comunicações

com os mortos, em seu estudo publicado em 1909, nos "Proceedings", acerca de seu amigo Hodgson, já falecido, que vinha conversar com ele pela mediunidade da senhora Piper. E escrevia que "Estes fenômenos dão a impressão irresistível de que é realmente a personalidade de Hodgson, com suas características próprias", e que "O sentimento dos assistentes era de que conversavam com o verdadeiro Hodgson".

A origem do Espiritismo, o Espiritualismo moderno, está na América.

Na realidade, os fenômenos do Além-Túmulo se encontram na base de todas as grandes doutrinas do passado. Em quase todos os tempos, o mundo dos vivos manteve relação com o Mundo Invisível. Porém, na Índia, no Egito e na Grécia, esses estudos eram privilégio de um curto número de investigadores e de iniciados. Os resultados se ocultavam cuidadosamente.

Para que esse estudo fosse acessível a todos e se conhecessem as verdadeiras leis que regem o Mundo Invisível; para ensinar aos homens a ver nesses fenômenos, não uma ordem de coisas sobrenatural, senão um domínio ignorado da natureza e da vida, era necessário o trabalho enorme dos séculos, todos os descobrimentos da ciência, todas as conquistas do espírito humano sobre a matéria.

Era preciso que o homem conheça seu verdadeiro lugar no Universo, que aprendesse a medir a debilidade de seus sentidos e sua impotência para explorar, por si mesmo e sem ajuda, todos os domínios da natureza viva.

A ciência, com seus inventos, atenuou esta imperfeição de nossos órgãos.

O telescópio abriu a nossos olhos os abismos do espaço; o microscópio nos revelou o infinitamente pequeno; assim surgiu a vida, tanto no mundo dos infusórios como na superfície dos globos gigantes que giram na profundidade dos céus.

A Física descobriu as leis que regulam a transformação das forças e a conservação da energia, e as que mantêm o equilíbrio dos mundos.

A radioatividade dos corpos revelou a existência de poderes desconhecidos e incalculáveis: raios X, ondas "hertzianas", irradiações -de todas as classes e de todos os graus.

A Química nos fez conhecer as combinações da substância. O vapor e a eletricidade vieram revolucionar a superfície do globo, facilitando as relações entre os povos e as manifestações do pensamento, para que as idéias resplandeçam e se propaguem a todos os pontos da esfera terrestre. Hoje, o estudo do mundo invisível vem completar essa magnífica ascensão do pensamento e da ciência. O problema do Além-Túmulo se ergue frente ao espírito humano com poder e autoridade. Para fins do século dezenove, o homem, desenganado de todas as teorias contraditórias, de todos os sistemas incompletos que se lhe apresentavam, abandonava-se à dúvida: perdia, cada vez mais, a noção da vida futura.

Foi. Então quando o mundo invisível veio até ele e o perseguiu até sua própria morada. Por diversos meios, os mortos se manifestaram aos vivos. As vozes de Além-Túmulo falaram. Os mistérios dos santuários orientais, os fenômenos ocultos da Idade Média, após um largo silêncio, reapareceram.

O Espiritismo nasceu.

As primeiras manifestações do Espiritualismo Moderno se produziram além dos mares; num mundo jovem, rico de energia vital, de expansão ardente, menos exposta que a velha Europa ao espírito de rotina e aos prejuízos do passado. Dali se espalharam por todo o globo. Essa eleição foi profundamente sensata.

A livre América era, com efeito, o ambiente mais propício para uma obra de difusão e de renovação. Por isso se contam hoje ali vinte milhões de “espiritualistas modernos”. Mas, tanto de um lado do Atlântico quanto do outro, embora com diversa intensidade, as fases de progresso da idéia espírita têm sido idênticas.

Em ambos os continentes o estudo do magnetismo e dos fluidos havia preparado certos espíritos para a observação do mundo invisível.

A princípio, se produziram fatos estranhos em todas as partes, fatos dos quais ninguém se atrevia a falar senão em voz baixa, na intimidade. Depois, pouco a pouco se foi elevando o tom. Homens de talento, sábios, cujos nomes são garantia de

honorabilidade e de sinceridade, se atreveram a falar em voz alta desses fatos, afirmando-os.

Falou-se de hipnotismo, de sugestão; depois vieram a telepatia, os casos de levitação e todos os fenômenos do Espiritismo. Agitavam-se mesas em louca rotação; deslocavam-se objetos, sem contato, ressoavam golpes nas paredes e nos móveis. Todo um conjunto de fatos se produzia; manifestações vulgares na aparência, mas perfeitamente adaptadas às exigências do meio terrestre, ao estado de espírito positivo e cético das sociedades modernas.

O fenômeno falava aos sentidos, porque os sentidos são como aberturas por onde o fato penetra até o entendimento. As impressões produzidas no organismo despertam surpresas, incitam à busca, e conduzem à convicção. Daí o encadeamento dos fatos, a marcha ascendente dos fenômenos.

Com efeito, depois de uma primeira fase material e grosseira, as manifestações tomaram um aspecto novo. Os golpes se fizeram mais regulares e se converteram em um meio de comunicação inteligente e consciente; a escrita automática se divulgou.

A possibilidade de estabelecer relação entre o mundo visível e o invisível apareceu como um fato imenso, derrubando as idéias herdadas, derrubando os ensinamentos habituais, mas abrindo sobre a vida futura uma saída que o homem

não se atrevia ainda transpor, deslumbrado pelas perspectivas que se abriam ante ele.

Ao mesmo tempo em que se propagava, o Espiritismo via alçar contra si numerosas oposições. Como todas as idéias novas, teve que enfrentar o menosprezo, a calúnia, a perseguição moral.

Tal qual, o Cristianismo em seu começo, foi sobrecarregado de amargura e de injúrias. Sempre acontece assim. Quando novos aspectos da Verdade aparecem aos homens, sempre provocam assombro, desconfiança, hostilidade.

É fácil compreendê-lo. A Humanidade esgotou as velhas formas de pensamento e de crença; e quando formas inesperadas da Verdade se revelam, não parecem corresponder muito ao antigo ideal, que está debilitado, mas não morto.

Por isso se necessita de um período bastante longo de estudo, de reflexão, de incubação, para que a nova idéia abra caminho na opinião. Daí as lutas, as incertezas, os sofrimentos da primeira hora.

Riu-se muito das formas que tomava o Novo Espiritualismo. Os poderes invisíveis que velam sobre a Humanidade são melhores juízes que nós dão meios de ação e do adestramento que convém adotar, segundo os tempos e os ambientes, para trazer ao homem o sentimento de seu papel e de seu destino, sem por isso travar seu livre arbítrio. Porque isso é o essencial: que a liberdade do homem fique intacta.

A Vontade Superior sabe ajustar-se às necessidades de uma época e de uma raça, “às novas formas da eterna revelação”.

Ela suscita no seio das sociedades os pensadores, os experimentadores, os sábios, que indicarão o caminho a seguir e colocarão os primeiros marcos. Sua obra se desenrola lentamente. Os resultados são a princípio débeis, insensíveis; mas a idéia penetra pouco a pouco nas inteligências. O movimento, por ser imperceptível, não é por si menos seguro e profundo.

Em nossa época, a ciência se elegeu em dona soberana, em diretora do movimento intelectual. Cansada das especulações metafísicas e dos dogmas, a Humanidade reclamava provas sensíveis, bases sólidas sobre as quais pudesse assentar suas convicções.

Fazia-se o estudo experimental, a observação dos fatos, como uma tábua de salvação. Daí o grande crédito dos homens da Ciência, na atualidade. Por isso a revelação adquiriu um caráter científico. Com fatos materiais, se chamou a atenção dos homens, que se haviam materializado.

Os fenômenos misteriosos que se acham disseminados na História, se renovaram e multiplicaram ao nosso redor, sucederam-se em ordem progressiva, que parece indicar um plano preconcebido, a execução de um pensamento, de uma vontade.

À medida que o Novo Espiritualismo ganhava terreno, os fenômenos se iam transformando. As manifestações grosseiras do começo se aperfeiçoavam, tomando um caráter mais elevado. Certos médiuns recebiam por meio da escrita, de uma forma mecânica ou intuitiva, mensagens, inspirações de fonte estranha. Instrumentos musicais tocavam sozinhos.

Ouviam-se vozes e cantos: penetrantes melodias pareciam baixar do céu e turvavam o ânimo dos mais incrédulos. A escrita direta aparecia no interior de lousas justapostas e lacradas.

Os fenômenos de incorporação permitiam aos mortos possuírem o organismo de um médium adormecido e conversar com quem haviam conhecido na Terra.

Gradualmente, e como conseqüência de um desenvolvimento calculado, apareciam os médiuns videntes, falantes, curadores.

Enfim, os habitantes do espaço revestindo-se de envoltórios temporários, vinham reunir-se com os humanos, vivendo uns instantes sua vida material e terrestre, deixando-se ver, tocar, fotografar, dando impressões de suas mãos e de seus rostos e desvanecendo-se logo para prosseguir sua vida etérea.

Assim é como se tem produzido uma série de fatos, durante mais de meio século, desde os mais inferiores e vulgares até os mais sutis, segundo o grau de elevação das

inteligências, que intervêm; toda uma ordem de manifestações se desenrolou sob o olhar atento de observadores.

Por isso, e apesar das dificuldades de experimentação, e apesar dos casos de fraudes e dos modos de exploração em que esses fatos serviram muitas vezes de pretexto, a apreensão e a desconfiança se atenuaram paulatinamente e o número de investigadores cresceu.

Há quase cinquenta anos, em todos os países, o fenômeno espírita tem sido objeto de freqüentes investigações empreendidas e dirigidas por comissões científicas. Sábios céticos, professores célebres, de todas as grandes universidades do mundo, submeteram esses fatos a um exame profundo e rigoroso. Sua intenção primeira foi sempre esclarecer o que eles criam que se tratava do resultado de enganos deliberados ou de alucinações. Mas quase todos, depois de anos de estudos conscienciosos e de experimentações perseverantes, abandonaram suas prevenções e sua incredulidade e se inclinaram ante a realidade dos fatos.

As manifestações espíritas, comprovadas por milhares de pessoas em todos os pontos do globo, demonstraram que ao nosso redor se agita um mundo invisível, um mundo onde vivem, em estado fluídico, aqueles que nos precederam na Terra, que lutaram e sofreram, e que constituem além 'da morte, uma segunda Humanidade.

O Novo Espiritualismo se apresenta hoje com um acompanhamento de provas e um conjunto de testemunhos tão imponentes, que já não é possível à dúvida para os investigadores de boa-fé. Isto mesmo expressava o professor Challis, da Universidade de Cambridge, nos seguintes termos:

"Os atestados têm sido tão abundantes e tão perfeitos, os testemunhos têm vindo de tantas fontes independentes entre si e de um número tão grande de testemunhos, que se faz necessário ou admitir as manifestações tal como se nos apresentam, ou renunciar' possibilidade de não atestar nenhum fato em absoluto, por declarações humanas."

Por esta razão o movimento de propagação se foi acentuando cada vez mais.

No momento atual, estamos assistindo a um verdadeiro florescimento das idéias espíritas. A crença no mundo invisível se estendeu por sobre toda a face da Terra. Por toda parte o Espiritismo tem suas sociedades de experimentação, seus vulgarizadores, seus periódicos.

Embora a filosofia, em suas mais atrevidas especulações, tenha conseguido elevar-se à concepção de outro mundo de existência depois da morte do corpo, a ciência humana, não obstante, não havia logrado, experimentalmente, a certeza do fato em si.

O valor do Espiritismo consiste, precisamente, em que nos proporciona essas bases experimentais, provando-nos a possibilidade de comunicação entre os vivos e as inteligências, que viveram entre nós, antes de transpor o umbral da vida invisível. Essas almas puderam ministrar, em certos casos, a demonstração de sua identidade e de seu estado de consciência.

Para não citar senão um só caso entre mil, o doutor Richard Hodgson, falecido em dezembro de 1906, se comunicou depois com seu amigo J. Hislop, professor da Universidade de Columbia, entrando em minuciosos detalhes, acerca das experimentações e trabalhos da Sociedade de Investigações Psíquicas, de cuja seção americana era presidente.

Explicou como teriam que dirigi-los, provando sua identidade com todos esses pormenores. Essas comunicações se transmitiram por intermédio de diferentes médiuns que não se conheciam entre si, servindo de mútua confirmação. Nelas se reconhecem as palavras e as frases familiares do comunicante durante sua vida.

Embora o início do Espiritismo tenha sido difícil e sua marcha lenta e cheia de obstáculos, há quase vinte anos conquistou direito de cidadania.

Converteu-se em uma verdadeira ciência e, no tempo certo, num corpo de doutrina, uma filosofia geral da vida e do destino, cimentada em um conjunto imponente de provas experimentais às quais a cada dia se agregam fatos novos.

Esta ciência, esta doutrina, nos tem demonstrado cada vez melhor a realidade de um mundo invisível, incomensurável, povoado de seres viventes que até agora haviam passado inadvertidos a nossos sentidos. Novos horizontes se nos abriram. A perspectiva de nossos destinos se nos ampliou.

Nós mesmos pertencemos, por uma parte de nosso ser - a mais importante - a esse mundo invisível que se revela cada dia mais aos observadores atentos.

Os casos de telepatia, os fenômenos de desdobramento, as exteriorizações de pessoas vivas, as aparições à distância, tantas vezes descritas por F. Myers, C. Flammarion, Ch. Richet, o Doutor Dariex, o Dr. Maxwell, etc., O demonstram experimentalmente. As atas da Sociedade de Investigações Psíquicas, de Londres, são ricas em fatos desse gênero.

Os espiritistas crêem que estas partes invisíveis, imponderáveis de nosso ser, registro inalterável de nossas faculdades, de nosso "eu" consciente, em uma palavra: o que os crentes de todas as religiões chamaram "alma", sobrevive à morte.

Prossegue através do tempo e do espaço sua evolução até estados sempre melhores e mais iluminados através de raios de justiça, de verdade e de amor. Esta alma, este eu consciente, tem como invólucro indestrutível, como veículo, um corpo fluídico, envoltório do corpo humano, formado de matéria sutil, radiante, invisível, sobre o qual não tem a morte ação alguma.

Achamo-nos aqui em presença de uma teoria, de uma concepção suscetível de reconciliar as doutrinas materialistas e espiritualistas que durante tanto tempo se combateram sem poder derrubar-se, nem se destruir mutuamente.

A alma já não seria uma vaga abstração, senão um centro de força e de vida, inseparável de sua forma sutil, imponderável, embora ainda matéria.

Há nela uma base positiva para as esperanças e as aspirações elevadas da Humanidade. Tudo não termina com esta vida: o ser indefinidamente aperfeiçoável recolhe em seu estado psíquico, que sem cessar se refina, o fruto do trabalho, as obras, os sacrifícios de todas as suas existências.

As dores, o grito de chamada que se eleva para o céu desde as profundezas da humanidade, não ficam sem resposta.

Aqueles que viveram entre nós e continuam no espaço sua evolução indefinida, sob formas mais etéreas, não se desinteressam de nossos sacrifícios e de nossas lágrimas.

Desde os cumes da vida universal caem sem cessar sobre a Humanidade correntes de força, e inspiração. Dali procedem aos relâmpagos do genro; dali os sopros poderosos que passam sobre as multidões nas horas decisivas; dali o consolo para os que sucumbem sob a pesada carga da existência.

Um laço misterioso une o visível ao invisível. Nosso destino se desenvolve sobre a cadeia grandiosa dos mundos e se traduz em aumentos graduais de vida, de inteligência, de sensibilidade.

Mas, o estudo do universo oculto não se faz sem dificuldades. Lá, como aqui, o bem e o mal, a verdade e o erro se misturam, segundo o grau de evolução dos espíritos com os quais entramos em relação.

Por isso é necessário abordar o terreno da experimentação com uma prudência extremada, depois de estudos teóricos suficientes.

O Espiritismo é a ciência que regula essas relações e nos ensina a conhecer, a atrair, a utilizar as forças benéficas do mundo invisível, a separar as más influências e, ao mesmo tempo, a desabrochar os poderes escondidos, as faculdades ignoradas que dormem no fundo de todo ser humano.

Capítulo II OS FENÔMENOS ESPÍRITAS

Gustavo Le Bon tomou, em 1908, a iniciativa de uma proposição que parecia peremptória: oferecia um prêmio de dois mil francos ao médium que produzisse diante de uma comissão competente um fenômeno de levitação em plena luz.

Por que estipular, à plena luz, se é notório que esse fenômeno não é normalmente possível senão com luz suave, visto que a luz viva exerce uma ação dissolvente sobre a força psíquica?

Que se diria de um aficionado que exigisse, para admitir a fotografia, que esta se produzisse à plena luz, se pelo menos até agora, o fenômeno necessita da câmara escura?

Notemos que a escuridão completa não é necessária para que se produzam as levitações e bastará uma luz vermelha suave para eliminar qualquer outro procedimento ou suposição de fraude.

Por outra parte quantos fenômenos naturais conhecidos exigem uma luz muito tênue, senão a escuridão total?

O sábio imparcial observa a lei, a norma de um fenômeno, mas se guarda, ante tudo, de pretender impor a priori as condições de sua produção.

Os fatos de levitação, sem contato de móveis e pessoas, moldes de mãos e rostos foram observados, em condições que desafiam qualquer crítica, por sábios franceses e estrangeiros.

Tiraram-se fotografias, o que descarta de um modo total a objeção da sugestão. A placa fotográfica não é propensa a alucinações.

Os experimentos realizados de uma forma rigorosamente científica são muito numerosos. Citemos por exemplo, os do professor Botazzi, diretor do Instituto de Fisiologia da Universidade de Nápoles, em maio de 1907, ajudado pelo professor Cardarelli, senador, e outros sábios.

Como admitem que os sentidos podem evidentemente enganar, servem-se de aparelhos registradores que permitem estabelecer não somente a realidade, a objetividade do fenômeno, como também o gráfico da força que atua.

Eis aqui' as principais medidas tomadas pelo grupo de sábios já citados, que experimentaram com Eusápia Paladino como médium.

No extremo da sala, detrás de uma cortina, se preparam de antemão sobre uma mesa:

- 1° - Um cilindro coberto de papel esfumado, móvel em torno de um eixo;**
- 2° - Uma balança pesa-cartas;**
- 3° - Um metrômetro elétrico Zimmermann;**
- 4° - Um pulsador telegráfico unido a outro sinalador elétrico;**
- 5° - Uma pêra de borracha unida por meio de um grande tubo, através do muro, a um manômetro de mercúrio situado no cômodo contíguo.**

Como se pode ver, um luxo de precauções tomadas pelos indicados sábios investigadores, precauções que deviam dar-lhes segurança, sem dúvida alguma, de que não eram enganados.

Nessas condições, todos os aparelhos foram controlados à distância, enquanto as mãos de Eusápia se achavam presas por dois dos experimentadores e formavam círculo a seu redor os demais. Há trinta anos, Eusápia operava em Milão. O diário "Itália Dei Popolo" de Milão, publicou, com data de 18 de novembro de 1892, um suplemento especial com as atas de dezessete sessões verificadas naquela cidade.

Está firmado este documento com os seguintes nomes: Schiaparelli, diretor do Observatório Astronômico de Milão; Aksakoff, conselheiro de Estado russo; Brofferio e Gerosa, professores da Universidade; Ermácora e G. Finzi, doutores em Física; Charles Richet, professor da Faculdade de Medicina de Paris, diretor da "Revista Científica", e César Lombroso, professor da Faculdade de Medicina de Turim.

Essas atas comprovam a produção dos seguintes fenômenos, obtidos na escuridão, tendo a médium os pés e mãos constantemente presos por dois dos assistentes:

Transporte de diversos objetos, sem contato: cadeiras, instrumentos de música, etc., Impressões de dedos sobre o papel esfumado; impressões de dedos sobre argila;

aparuições de mãos sobre um fundo luminoso; aparições de luzes fosforescentes; levitação da médium sobre a mesa; deslocamento de cadeiras com as pessoas que as ocupavam; toques sentidos pelos assistentes.”

Em suas conclusões, os experimentadores nomeados deixam estabelecidos que, em razão das precauções tomadas, não era possível fraude alguma.

“Do conjunto dos fenômenos observados, dizem, deduz-se o triunfo de uma verdade que se fez injustamente impopular.”

Que esplendor de linguagem poderia igualar o valor comprobatório desse estilo claro e conciso? A esses testemunhos poderiam acrescentar as centenas de outros de igual valor.

Resultarão nulos aos olhos de nossos contraditores e será necessário recomeçar as experimentações a cada nova exigência?

As sessões de Eusápia incluem outros fenômenos ainda mais importantes.

O professor Lombroso escrevia na "Arena", de fevereiro de 1908:

“Depois do deslocamento de um objeto muito pesado, Eusápia, em estado de transe, me disse: por que perdes o tempo nestas bagatelas? Eu sou capaz de mostrar-te a tua mãe, mas é preciso que penses nisso intensamente.”

Estimulado por esta promessa, depois de meia hora de sessão, senti um intenso desejo de ver se ela se cumpria, e a mesa pareceu dar seu assentimento a meu

pensamento íntimo, com seus habituais movimentos de sucessivas elevações. Logo, numa semi-escuridão, à luz vermelha, vi aparecer uma forma um tanto encurvada, como era a de minha mãe, coberta com um véu, deu a volta à mesa para chegar até mim, murmurando palavras que alguns presentes ouviram, mas que minha meia surdez não me permitiu entender.

Então, ao suplicar-lhe que as repetisse, presa de uma viva emoção, me disse: "César, filho meu! Depois, tirando seu véu, me deu um beijo."

Lombroso recordava a continuação das comunicações escritas ou faladas em línguas estrangeiras, às revelações de fatos desconhecidos tanto da médium quanto dos assistentes e os casos de telepatia.

Na Inglaterra, o fantasma de Katie King foi fotografado por Sir. William Crookes, o que destrói toda hipótese de sugestão.

Em um discurso pronunciado no dia 30 de janeiro de 1908, na Sociedade de Investigações Psíquicas, de Londres, Sir Oliver Lodge, reitor da Universidade de Ciências ("Royal Society"), fala de mensagens obtidas por certos médiuns mediante a escrita automática.

Os comunicantes compreenderam tão bem como nós a necessidade das provas de identidade e fizeram quantos esforços puderam, para satisfazer a esta razoável exigência. Alguns de nós pensamos que as conseguimos, outros ainda duvidam.

Sem deixar de desejar a obtenção de novas provas, eu sou dos que crêem que já se deu um grande passo e que é legítimo admitir nestes momentos que existem relações claras com pessoas falecidas que, nos melhores casos, vêm a nos proporcionar uma nova massa de argumentos, fazendo desta hipótese, a melhor hipótese de trabalho.

Com efeito, nós cremos que os malogrados Gurney, Hodgson, Myers e outros menos conhecidos, tratam de pôr-se em comunicação constante conosco, com a intenção bem definida e expressa de nos demonstrar pacientemente sua identidade e dar-nos o controle recíproco de médiuns desconhecidos entre si.

As correspondências cruzadas, isto é, a recepção por um médium de uma parte da comunicação e o resto por outro médium, sem que se possa compreender o sentido de nenhuma destas partes por separado sem o concurso da outra, é uma boa prova de que uma mesma inteligência atua sobre os dois autômatos.

Se além disto, a mensagem tem as características de uma pessoa falecida e é recebida dessa forma por observadores que não a conhecem intimamente, podemos ver nela a prova da persistência da atividade intelectual desta pessoa.

Se, enfim, obtemos dela um pouco de crítica literária que tem evidentemente seu estilo peculiar e próprio e é impossível que proceda de indivíduos comuns, então tenho que declarar que uma prova tal, absolutamente impressionante, tende a tomar

o caráter de crucial. E esta é a classe de provas que a Sociedade pode comunicar sobre este assunto.

As fronteiras entre ambos os estados, o presente e o futuro, tendem a apagar-se.

Assim como em meio do ressoar da água e dos ruídos diversos, durante a perfuração de um túnel, ouvimos de vez em quando o ruído dos escavadores, que vêm para nós pelo lado oposto, de igual modo ouvimos, a intervalos, os golpes de nossos camaradas passados para Além Túmulo.

A todos esses testemunhos agregarei eu o meu pessoal.

Trinta anos de experimentação rigorosa, verificada em ambientes diversos com numerosos médiuns, me demonstraram que, se os fenômenos chamados "psíquicos" se explicam em parte pela exteriorização de .Forças que emanam dos vivos, uma quantidade importante deles não se pode explicar mais do que com a intervenção de entidades invisíveis.

E estas não são senão os espíritos dos mortos que subsistem sob formas sutis, imponderáveis, cujos elementos pertencem à matéria refinada.

A explicação espírita é, pois, a única que responde de uma maneira completa à realidade dos fenômenos considerados em seus múltiplos aspectos. Eles nos proporcionam a prova de que um oceano de vida invisível nos rodeia, nos envolve, e

que, para Mais-Além, o ser humano se encontra a si mesmo na plenitude de suas faculdades e de sua consciência.

Fiel ao método experimental, vou apresentar alguns fatos mais, que demonstram a realidade de uma intervenção invisível e dão indicações sobre sua natureza e sua identidade. Os fatos me parecem muito mais eloqüentes que todos os comentários.

Eis aqui a cópia de uma ata que tenho à vista:

"Em 13 de janeiro de 1899, doze pessoas se reuniram em casa de M. David, praça Corps-Saints, 9, em Avignon, para realizar sua sessão semanal de Espiritismo. Depois de um momento de recolhimento, vimos à médium Mme. Gallas, em transe, voltar se para o Padre Grimaud e falar-lhe com a linguagem mímica utilizada por certos surdos-mudos. Sua rapidez de movimento era tal que rogamos ao espírito que se comunicasse mais devagar, o que fez em seguida. Por precaução, cuja importância se verá em seguida, o Padre Grimaud não fez senão enunciar as letras, à medida que a médium as transmitia.

Como cada letra isolada não significava nada, era impossível, ainda que se houvesse querido, interpretar o pensamento do espírito. Somente ao final da comunicação, pudemos conhecê-lo, quando a leu um dos membros do grupo encarregado de transcrever as letras.

Ademais, a médium empregou um duplo método: o de enunciar as letras de uma palavra, para indicar sua ortografia, única forma sensível aos olhos, e o de enunciar a articulação, sem ter em conta a forma gráfica, método este que M. Fourcade inventou e que se emprega somente no estabelecimento de surdos-mudos de Avignon. Estes detalhes foram explicados pelo Padre Grimaud, diretor e fundador da dita instituição."

A comunicação, que se referia à obra altamente filantrópica, a que estava dedicado o Padre Grimaud, era assinada por Irmão Foucarde, falecido em Caen.

Nenhum dos assistentes, excetuando o venerável sacerdote, conheceu, nem pôde conhecer o autor desta comunicação, nem seu método, embora tenha passado algum tempo em Avignon, faz trinta anos...

Assinaram os membros do grupo que assistiram a esta sessão: Tournier, diretor do Banco da França; Roussel, diretor da banda do 58º Regimento; Domenach, tenente do 58º Regimento; David, comerciante; Brémond, Canuel, Sras. de Tournier, Roussel, David e Brémond.

À dita ata se anexa o seguinte testemunho:

"O infra-assinado, Grimaud, presbítero, diretor e fundador da instituição para inválidos da palavra, surdos-mudos, tartamudos e meninos anormais, de Avignon, certifica a exatidão absoluta de tudo quanto se detalha acima. Em honra à verdade, devo dizer que estava longe de esperar semelhante manifestação. Compreendo toda a importância da mesma desde o ponto de vista da realidade do Espiritismo, do qual sou fervoroso adepto, não tendo inconveniente em declará-lo publicamente.

Avignon, 17 de abril de 1899.

Firmado: Grimaud, presbítero “.

Podemos citar, ademais, a aparição fotografada de um colono, relatada por W. Stead, o grande publicitário inglês desaparecido na catástrofe do "TITANIC". Este colono, chamado Piet Betja, era absolutamente desconhecido de Stead, e foi reconhecido mais tarde por vários delegados dá África do Sul chegados à Inglaterra (veja-se a "Revue Spirite de 15 de janeiro de 1909).

Falando das provas de identidade proporcionadas por mortos, A. Conon Doyle, o grande escritor inglês, em seu livro "A Nova Revelação", recorda o caso de um espírito desconhecido que dizia chamar-se Manton, haver nascido em Lawrence Lydiárd, e estar enterrado em Stoke Stewington, desde 1677. Demonstrou-se depois,

perfeitamente, que um homem assim chamado, viveu e foi capelão de Olivier Cromwell. E acrescentava:

"Visto que Miss Julia Ames pôde revelar a Mr. Stead detalhes de sua própria existência nesta terra, que ele não podia suspeitar, e cuja exatidão se comprovou posteriormente, nos encontramos inclinados a admitir como verdadeiras também essas revelações cuja prova não se pôde obter.

E mais ainda, posto que Raymond Lodge pôde descrever uma fotografia da qual não havia encontrado na Inglaterra nenhuma cópia, e cuja amostra se encontrou absolutamente de acordo com a descrição que havia feito dela; e se pôde nos informar por lábios estranhos toda a classe de detalhes de sua vida familiar, cuja exatidão comprovou e certificou seu pai, o reitor O. Lodge, não é acaso, razoável supor que este Raymond não é menos digno de fé quando descreve as fases de seu próprio gênero de vida, quando se comunica com seus pais?

Ou quando Mr. Arthur Hill recebe mensagens de pessoas, cuja existência ignora e comprova que as ditas mensagens são verdadeiras em todos os detalhes, não é uma consequência lógica admitir que os espíritos dizem a verdade, quando nos dão a conhecer suas novas condições de existência?"

Posteriormente, em uma conferência pronunciada em Leicester, Sir Arthur Conan Doyle relata o seguinte fato: "Dois amigos seus, o Reverendo Crewe e Mr. '

Philips, advogado, encontraram uma noite na rua Oxford, em Londres, um jovem inglês em estado de embriaguês. O padre Crewe, que é clarividente, viu a forma espiritual de uma mulher que estava de pé junto ao jovem e o olhava compassivamente. Acercando-se ambos os amigos, travaram conversação com ele e souberam que este jovem, que havia descido tanto, era sobrinho de um alto dignitário da Igreja.

Mr. Crewe falou ao jovem desencaminhado da figura espiritual que havia visto, acrescentando: "Creio que é sua mãe". O jovem respondeu: "Descreva tal como era minha mãe." Mr. Crewe ajuntou: "Quando esteja melhor faremos uma pequena sessão."

A sessão foi realizada pelos três. Mr. Crewe caiu em transe e a mãe, irmã do alto dignitário eclesiástico, tomou posse dele e falou a seu filho.

Quando o médium voltou a si, o jovem soluçava a um lado da mesa e o advogado do outro. Explicaram então que a mãe do jovem lhe havia repetido as últimas palavras que havia pronunciado no momento de sua morte, acrescentando que ele havia chegado agora a uma fase de seu caminho e que no futuro tudo lhe seria melhor.

O conferencista acrescentou que havia recebido do citado jovem uma carta dando-lhe todos esses detalhes e concluindo com estas palavras:

"Este é meu tributo à causa que me salvou. Vou tratar de não recomeçar."

Ao final de sua obra "A Nova Revelação", Sir Arthur Conan Doyle se eleva a altas considerações, e faz observar a influência que exercem estes fenômenos sobre o pensamento e o coração dos homens. E termina com estas bonitas palavras de Gérald Massey:

"O Espiritismo foi para mim, como para muitos outros, o alargamento de meu horizonte mental e a penetração do céu, a transformação da fé em fatos reais; sem ele, não se pode comparar a vida senão a uma viagem efetuada no fundo da adega de um barco, com as escotilhas fechadas, em que o viajante não percebesse outra claridade que a de uma vela, e ao qual, se lhe permite, em uma esplêndida noite estrelada, subir a ponte e contemplar pela primeira vez o prodigioso espetáculo do firmamento resplandecentes da glória de Deus."

Mais recentemente, o pastor Wynn, que goza de certo renome como pregador na Inglaterra, publicou um pequeno volume muito substancioso, em que relata toda uma série de fenômenos, comprobatórios da sobrevivência de seu filho Ruperto. Este jovem, caído gloriosamente nas linhas inglesas, durante o Grande Cataclismo, manifestou-se de diferentes maneiras, por vários médiuns que nem o conheciam, nem a seu pai, em condições notáveis de autenticidade.

Mr. Wynn, que era. A princípio cético com respeito ao Espiritismo, chegou a reconhecer sua validade, aderindo a ele publicamente.

Em continuação reproduzimos um dos fatos assinalados em sua obra: "Ruperto vive."

O autor se expressa assim:

"Uma noite do mês de julho de 1918, subi a um vagão de terceira classe, na estação de Marylebone (bairro de Londres) para ir a Chesham. No fundo do compartimento se achavam sentadas duas senhoras, uma de frente para outra. Pus-me a ler meu diário" The Evening Standard."Quando o trem se aproximava de Harrow, ouvi que uma das senhoras dizia a sua acompanhante:" Permita-me: sou espírita e médium; suponho que não terá a senhora medo, mas sua mãe está sentada ao seu lado.

Disse-me que passou para o Além mente, e me roga que lhe transmita algo."

Recente Não esquecerei nunca a expressão da senhora a quem se dirigiam estas palavras inquietantes. Ficou pálida. Sem dúvida despertaram-lhe todos os seus preconceitos religiosos e, com uma disposição de espírito anticientífica, murmurou: "Mas eu não creio no Espiritismo. É contrário a meus princípios. Por outra parte,

eu não a conheço e a senhora não conhece a mim. Como sabe a senhora que minha mãe morreu?"

"Eu sei que sua mãe passou para o Além, porque ela mesma me disse, respondeu a outra. Está sentada a seu lado, e me disse, ademais, que a senhora se chama Gracia." (Aqui lhe informou de uma comunicação pessoal que fez trocar de imediato as idéias da cética senhora. É-me impossível publicar esta comunicação, ainda que seja parte desta assombrosa revelação).

Voltando-se para mim, a médium disse: "Creio conhecê-lo. O senhor é Mr. Wynn, de Chesham, verdade? Seu filho Ruperto veio outra noite a uma de minhas reuniões e me rogou que lhe pedisse para ter uma sessão com meu marido e comigo, em sua biblioteca e que permitisse a meu marido fotografá-lo."

A senhora me falava tão tranqüilamente e de um modo tão natural como se me estivesse oferecendo uma taça de chocolate. "Senhora, disse-lhe, tanto minha senhora quanto eu teremos muito gosto em recebê-la."

"A senhora Rice, que assim se chamava, veio a Chesham com seu marido. Sentamo-nos em minha biblioteca.

Esta senhora que vive em Nara, Northwood, Middiesex, não havia estado nunca em nossa casa. Eu não lhe havia dito nada de Ruperto, e lhe tinha preparadas certas perguntas para pôr à prova sua clarividência.

Fazia só alguns minutos que se havia sentado, quando se manifestou Mr. W.T.Stead. Era o aspecto, os trejeitos, a voz do grande periodista, e me deu provas de identidade incontestáveis.

Depois veio Ruperto, falando com seu tom familiar habitual. Respondendo as minhas perguntas, me mostrou o lugar da casa onde dormia, a gaveta onde colocava suas cartas. Falou da gata que uma vez trouxe do campo, pequenina, suja e meio morta, nos disse o nome, a cor do pelo, e nos deu uma porção de detalhes de nossa vida íntima, que a médium não podia conhecer de maneira nenhuma.

Depois, obtivemos a fotografia de Ruperto, esta de forma tal que os peritos fotógrafos a quem lha mostrei, afirmaram-me que seria impossível, com todos os seus recursos, obter um resultado semelhante. Todos os membros da família e amigos de meu filho o reconheceram exatamente."

Como conclusão, o pastor Wynn declara: "Antes eu cria na sobrevivência, pelo ato de fé: hoje, creio nela porque sei que é certa." Com respeito às suas convicções religiosas, acrescenta: "Estas investigações tiveram como resultado fortalecer minha crença em Cristo e no ensinamento do Novo Testamento. Hoje compreendo centenas de coisas da Bíblia que antes não podia compreender."

Capítulo III

NATUREZA DA MEDIUNIDADE

Chama-se mediunidade o conjunto de faculdades que permitem ao ser humano comunicar-se com o mundo invisível.

O médium desfruta, por antecipação, dos meios de percepção e de sensação que pertencem mais à vida do espírito que a do homem. Por isso tem o privilégio de servir de laço de união entre eles.

Temos que ver neste estado o resultado da lei de evolução e não um efeito regressivo, uma tara, como crêem certos fisiologistas, que comparam os médiuns como histéricos e enfermos.

Seu erro provém da grande sensibilidade; a impressão de certos médiuns provoca em seu organismo físicas perturbações sensoriais e nervosas; mas isto são exceções que seria errado generalizar, porque a maioria dos médiuns possui uma boa saúde e um perfeito equilíbrio mental.

Toda extensão das percepções da alma é uma preparação para uma vida mais ampla e mais elevada, uma saída aberta a um horizonte mais vasto. Sob este ponto

de vista, as mediunidades, em conjunto, representam uma fase transitória entre a vida terrestre e a vida livre do espaço.

O primeiro fenômeno deste gênero, que chamou a atenção dos homens, foi o da visão. Por ela se revelaram desde a origem dos tempos, a existência do mundo do Além e a intervenção entre nós das almas dos mortos. Estas manifestações, ao se repetirem, deram nascimento ao culto dos espíritos, ponto de partida e base de todas as religiões. Depois, as relações entre os habitantes da Terra e do espaço se estabeleceram das mais diversas e variadas formas, que se foram desenvolvendo através das idades, sob diferentes nomes, mas todas partem de um único princípio.

Por meio da mediunidade sempre existiu um laço entre ambos os mundos, uma via traçada pela qual a alma humana recebia revelações, gradualmente mais elevadas, acerca do bem e do dever, luzes cada vez mais vivas sobre seus destinos imortais.

Os grandes espíritos, por motivo de sua evolução, adquirem conhecimentos progressivamente mais amplos e se convertem em instrutores, em guias dos humanos cativos na matéria.

A autoridade e o prestígio de seus ensinamentos ficam realçados ainda mais pelas profecias, as previsões que os precedem ou os acompanham.

Em outra parte temos estudado detalhadamente os diferentes gêneros de mediunidade e os fenômenos que produzem.

Então se pode ver como se estabeleceu a comunicação dos vivos e dos mortos; como se constitui essa fronteira ideal onde as duas humanidades, uma visível e a outra invisível, se põem em contato; como, graças a essa penetração, se estende e se esclarece nosso conhecimento da vida futura, a noção que possuímos das leis morais, que a regem, com todas as suas conseqüências e suas sanções.

Por todos os procedimentos medianímicos os espíritos superiores se esforçam em trazer a alma humana das profundidades da matéria para as altas e sublimes verdades que regem o Universo, para que se revistam dos altos fins da vida e encarem a morte sem terror, para que aprendam a desprender-se dos bens passageiros da Terra e prefiram os bens imperecíveis do espírito.

-A alma não pode achar harmonia senão no conhecimento e na prática do bem e somente dessa harmonia flui para ela a felicidade.

-Aos Espíritos superiores se unem as almas amantes dos parentes de mortos, cuja solicitude continua, estendendo-se sobre nós e nos assiste em nossas dolorosas lutas contra a adversidade e contra o mal.

- Assim, a mediunidade bem exercida, se converte em um manancial de luzes e consolos. Por seu intermédio, as vozes do Alto nos dizem:

"Escutai nossas chamadas, vós que buscais e chorais: Não estais abandonados... Temos sofrido para lograr estabelecer um meio de comunicação entre o vosso mundo esquecido e nosso mundo de recordações.

A mediunidade já não se verá enxovalhada, menosprezada, maldita, porque os homens já não poderão desconhecê-la. Ela é o único laço possível entre os vivos e nós, a quem nos chamam mortos. Esperai: não deixaremos fechar-se a porta que temos entreaberta para que em meio a vossas dúvidas e vossas inquietudes possam entrever as claridades celestes “.

Depois de haver mostrado o grande papel da mediunidade, convém assinalar as dificuldades que há em sua aplicação. Em primeiro lugar são escassos os bons médiuns. Não porque faltem faculdades notáveis, senão porque logo ficam sem utilidade prática por falta de estudos sérios e profundos.

Muitos médiuns se escondem nos círculos íntimos, nas reuniões familiares, ao abrigo das exigências exageradas e dos contatos desagradáveis.

Quantas jovens de organismo delicado, quantas senhoras que conhecemos, retraídas pelo temor à crítica e às más línguas; afogam e perdem bonitas faculdades medianímicas por não empregá-las bem, com uma boa direção!

Os adversários do Espiritismo sempre se dedicaram a denegrir médiuns, acusando-os de fraude, procurando fazê-los passar por neuróticos e tratando por

todos os meios de desviá-los de sua missão; sabendo que o médium é condição essencial dos fenômenos, esperam deste modo destruir o Espiritismo em seu alicerce.

É importante que façamos fracassar esta tática e, para isso, temos de dar ânimo e ajuda aos médiuns, rodeando o exercício de suas faculdades de todas as precauções necessárias.

A guerra ceifou milhões de vidas em plena juventude e virilidade. As epidemias, os açoites de todas as classes, deixaram enormes vazios no seio das famílias. Todos estes espíritos inumeráveis tratam de se manifestar àqueles a quem amaram na Terra, para provar-lhes seu afeto, sua ternura, para secar suas lágrimas, para acalmar suas dores.

Por outra parte, as mães, as viúvas, as noivas, os órfãos, estendem suas mãos e seus pensamentos para o céu, na angustiada espera de notícias de seus mortos, ávidos de recolher provas de sua presença, testemunhos de sua sobrevivência. Quase todos possuem faculdades latentes e ignoradas que poderiam permitir-lhes estabelecer relações com seus mortos.

Por toda as partes existem possibilidades de estabelecer um laço entre estas duas multidões de seres que se buscam, se atraem e desejam fundir seus sentimentos e seus corações em uma comum harmonia.

O Espiritismo e a mediunidade são os únicos que podem realizar esta doce e santa comunhão e trazer a todos a paz e a serenidade da alma, que dá fortaleza e convicção.

É sobretudo entre essas vítimas da guerra cruel, no seio do povo, entre os humildes, os pequenos, os modestos, onde há que se buscar os recursos psíquicos que permitam a nossos amigos do espaço proporcionar-nos provas de persistência de sua vitalidade e a prova de nossa reunião futura.

Quantas faculdades dormem silenciosamente no fundo desses seres, esperando a hora de abrir se, de florescer, de produzir frutos de verdade e de beleza moral!

Neste aspecto, grande é a tarefa que cabe aos espíritos esclarecidos, aos abnegados crentes, aos apóstolos da grande doutrina.

Seu dever é sacudir a indiferença de uns, a apatia de outros, ir ao encontro de todos esses agentes obscuros da obra de renovação, instruí-los, pôr em ação os recursos escondidos, as riquezas insuspeitadas que possuem e conduzi-los ao fim assinalado.

Para cumprir esta tarefa, há que possuir ciência e fé. Graças a esta última, e por análogos procedimentos, os apóstolos dos primeiros tempos do Cristianismo suscitaram ao seu redor "os milagres" e, com eles, o entusiasmo religioso, que devia transformar a face do globo.

Em nossos dias, é necessário não somente a fé ardente, senão também o conhecimento das leis precisas que regem os mundos visível e invisível, com o fim de facilitar sua harmonia, sua recíproca interpenetração, separando da experimentação os elementos de erros, de perturbação e de confusão.

Com um adestramento gradual, veremos ampliar-se o círculo das percepções e das sensações psíquicas, e ficará evidenciada a mais imponente certeza da perenidade do princípio vital que nos anima.

A alma humana aprenderá a conhecer as sombras e os esplendores do Mais-Além e, neste conhecimento, achará uma trégua para suas dores e um manancial de força na desgraça em frente à morte.

Capítulo IV PRÁTICA DA MEDIUNIDADE

O estudo e aplicação das faculdades medianímicas são de capital importância, já que, segundo o uso que se faça desses dons, podem resultar um bem ou um mal para quem os possua e para a causa que pretenda servir.

O Espiritismo é uma arma de dois gumes: arma poderosa, com o apoio dos Espíritos elevados, para combater os erros, a mentira, todas as misérias morais da Humanidade, mas uma arma perigosa também pela ação dos espíritos inferiores e maus.

Neste caso, pode voltar-se contra os médiuns e os experimentadores e ferir-lhes a saúde e a dignidade, causando desordens graves.

Na experimentação espírita, tudo depende dos Invisíveis. A natureza e a qualidade de sua ação variam segundo o valor das Entidades que se manifestam.

Os Espíritos elevados derramam sobre nós fluidos puros e benéficos que reconfortam nossas almas e acalmam nossas dores, predispondo-nos à bondade e à caridade. Em seu trato, obtemos as forças necessárias para vencer nossos defeitos e nos aperfeiçoarmos.

As manifestações dos espíritos inferiores podem ser úteis pelas provas de identidade que proporcionam, mas sem demora, seus fluidos pesados e maus alteram o estado de saúde dos médiuns, turvam seu juízo e sua consciência e, em certos casos, desembocam na obsessão e na loucura.

As trágicas cenas descritas pelo doutor Paul Gibier em seu livro "Espiritismo e Fakirismo Ocidental", das que quase termina vítima, os exemplos que encontramos

um pouco em todas as partes, nos demonstram, até à evidência, os riscos que se corre ao se estabelecer relações continuadas com os saqueadores dos espaço.

Praticar o Espiritismo, sem rodear-se de precauções necessárias, equivale a abrir a porta, de par a par, para os assaltantes de rua.

Recordemos em que consistem as precauções indispensáveis. Antes de cada sessão, há que invocar os Espíritos Guias e se assegurar uma proteção eficaz que, afastando as más influências, estabeleça no ambiente invisível a mesma disciplina que o presidente do grupo deve impor aos assistentes.

Com este fim, Allan Kardec recomenda a oração e nós não titubeamos em insistir nesse sentido.

Sem dúvida que, como a ele, nos chamarão de místicos, mas o que fazemos é observar e aplicar a lei universal das vibrações que une todos os seres e todos os mundos e os liga a Deus.

A ciência começa apenas a balbuciar os primeiros elementos desta lei com o estudo da radioatividade dos corpos, com a aplicação das ondas e correntes a longa distância. Mas à medida que prossiga nas investigações do Invisível; comprovará sua maravilhosa harmonia e suas vastas conseqüências.

A partir deste ponto de vista, lhe estão reservados esplêndidos descobrimentos, porque nisso reside todo o segredo da vida superior, da vida

livre do espírito no espaço e as regras de suas manifestações.

Com o pensamento e a vontade podemos pôr em movimento todas as forças escondidas em nós mesmos. Nossas irradiações fluídicas se impregnam das qualidades ou dos defeitos dos pensamentos e criam em torno de nós um ambiente de conformidade com nosso estado de alma.

.Como a oração é a expressão mais alta e mais pura do pensamento, traça uma via fluídica que permite às Entidades do Espaço descer até nós e se comunicarem; nos grupos constitui um meio favorável à produção de fenômenos de ordem elevada, ao mesmo tempo em que preserva contra os maus espíritos.

Para que seja eficaz e produza todo o efeito desejado, a oração deve ser um chamamento ardente, espontâneo e, por conseguinte, de breve duração: pelo contrário, as orações vulgares, recitadas da boca para fora, sem calor comunicativo, não produzem senão irradiações débeis e insuficientes.

Fácil será compreender, pois, a necessidade de que haja nas sessões união de pensamentos e vontades. Deve-se ter presente, sobretudo, a importância que exercem nas emissões fluídicas os sentimentos de fé, de confiança, de desinteresse, em uma palavra: todas as qualidades morais, as facilidades que elas dão aos bons espíritos, de par com os obstáculos que opõe à ação dos espíritos mal intencionados.

E, tudo isto, sem excluir o livre exame e as condições de controle, que nenhum observador deve abandonar jamais.

Tão pouco há que se surpreender, se os resultados obtidos são relativamente trabalhosos e pobres, em ambientes em que reina uma atmosfera de ceticismo, onde se pretende dar ordens aos fenômenos e aos Espíritos, e nos que, sem saber, criam travas às manifestações de ordem elevada.

Ademais, o presidente de cada grupo deve esforçar-se em obter silêncio e recolhimento durante as sessões, e evitar as perguntas inoportunas e demasiado pessoais, que pretendam dirigir aos Espíritos, para manter dentro do possível a união dos pensamentos e das vontades, dirigindo os para uma finalidade comum.

Os pensamentos divergentes, as preocupações materiais formam correntes desconstruídas, uma espécie de caos fluídico, que dificulta a intervenção dos guias, enquanto que a concordância de intenções e de sentimentos estabelece a fusão harmônica dos fluidos e cria um ambiente propício à sua ação.

A sessão deve terminar com algumas palavras de agradecimento aos Espíritos protetores e convidando os participantes a aproveitar os ensinamentos recebidos, praticando a moral que deles se deriva.

Com suas críticas, nossos contraditores, inexperientes, demonstram com frequência sua escassa competência nestes assuntos. Mas, por outro lado, todos os

magnetizadores conhecem a propriedade dos fluidos, de refletir exatamente nosso estado de ânimo e sabem imprimir-lhes, às vezes, qualidades benéficas e curativas.

Também é possível demonstrar experimentalmente a existência e a variedade infinita desses fluidos que diferem em cada personalidade.

Pode-se facilmente tirar placas fotográficas com as irradiações que se desprendem de nossos cérebros e registrar os fluidos que variam segundo as disposições pessoais.

O exercício da mediunidade encontra dois obstáculos temíveis: o espírito de lucro e o orgulho. (Quantos médiuns começaram animados de um sincero desejo de servir à nossa Causa, terminaram, por causa do orgulho, por cair no ridículo, convertendo-se em motivo de zombaria para todos.!)

A satisfação de si mesmo é perfeitamente legítima quando é o resultado de qualidades ou de méritos adquiridos por meio de trabalho ou estudos prolongados. Como sentir orgulho por uma faculdade que veio do Alto e que não precisou de gastos nem esforços?

O orgulho é o que inspira essas rivalidades, essa inveja mesquinha entre médiuns, e gusa freqüente de desunião em alguns grupos. e preciso que cada um se contente com o que recebe.

Quando o médium está isento de vaidade, é franco de coração, e com a sinceridade de sua alma, aos olhos de Deus, oferece seu concurso aos bons Espíritos, estes se apressam em assistir-lhe e o ajudam a desenvolver suas faculdades.

Cedo ou tarde levam a seu lado os parentes falecidos, os amados mortos, reatando-se uma doce intimidade, fonte de alegrias e consolos-Pouco a pouco o médium vai se tornando o artífice bendito da obra de renovação Recebe e transmite as instruções que iluminam a vida e a todos traçam a via de ascensão: então proporciona a ajuda moral que faz mais fácil o dever e mais suportável a prova.

Assim, com os ensinamentos dos Espíritos, a noção da justiça se estenderá pelo mundo. Ao saber que viemos quase todos para expiar faltas anteriores, o homem não se mostrará tão inclinado a murmurar contra sua sorte e seu pensamento se elevará acima das misérias deste mundo, evitando que seus atos ou suas palavras aumentem o peso das injustiças que sobre si recaem. Então a vida social poderá melhorar e a Humanidade adiantará um passo. Todas essas humildes vidas de médiuns que, a não ser por isso, ficariam obscuras e insignificantes, se verão enriquecidas pela missão recebida, iluminadas por um raio divino e se converterão em elementos de progresso e de regeneração.

O contato com o Invisível, com as almas puras e grandes, aumenta as faculdades psíquicas e multiplica os meios de percepção. Nas sessões bem dirigidas, o médium

percebe cada vez mais as irradiações, os fluidos dos mundos superiores. Experimenta uma dilatação de seu ser, uma soma de gozos que escapam à análise e que são como uma antecipação da vida espiritual, um prelúdio da vida do espaço. É uma compensação oferecida, já nesta existência, às fadigas e trabalhos pelo exercício da mediunidade.

O médium sincero, leal, desinteressado - como dizíamos - pode estar seguro da assistência dos bons Espíritos; mas se ele se deixar invadir pelo amor ao lucro ou pelo orgulho, os Espíritos Guias se afastam e deixam o caminho aos espíritos fracos e atrasados. Então aumentam os enganos e as fraudes. Aparecem mensagens firmadas com nomes pomposos, de estadistas, reis, imperadores, poetas célebres, e quando se passam essas comunicações pela peneira da razão e da reflexão, nos damos conta de que somos vítimas de uma fraude.

Não é que queiramos dizer que esses grandes Espíritos não se comunicam nunca. Mas aconselhamos a maior prudência, neste ponto, pois sabemos por experiência que os espíritos elevados, que tiveram nomes ilustres na Terra, não gostam de vangloriar-se deles, preferindo manifestar-se com nomes alegóricos e pseudônimos.

Vários médiuns contribuíram, dessa maneira, a desnaturar o Espiritismo. Allan Kardec, pela retidão de seu caráter e a dignidade de sua vida, pela elevação de seus

,pensamentos, teve o privilégio de atrair Espíritos nobres e elevados. Leiamos e meditemos seus livros, que são a expressão da mais pura sabedoria e verdade.

Por exemplo, em suas obras, este grande escritor se levantou sempre com vigor contra o princípio da mediunidade assalariada, como causa de abusos inumeráveis.

Recordemos antes de mais nada que a mediunidade é variável, inconstante e pode desaparecer tal como veio. Não exige estudos prévios, nem usa laboriosa preparação como a aquisição de uma arte, de uma ciência, etc... E um dom que se retira, quando se abusa dele.

Os exemplos disso são freqüentes: A mediunidade, cujos resultados são muito diferentes segundo os lugares, o ambiente e a proteção oculta, e são com freqüência negativos, pouco se presta a uma utilização regular e contínua. Os guias sérios, os Espíritos elevados não se prestariam a isso.

Admitimos, não obstante, que os sábios e os experimentadores que se servem das faculdades de um médium e monopolizam seu tempo, concordem com ele, o indenizem por suas viagens e pelas horas perdidas. Assim mesmo, consideramos que os grupos devem aos médiuns, depois de prolongados serviços, mostras de simpatia e atenções, com a condição de que isso não atente contra o princípio da mediunidade gratuita e desinteressada.

Poderá opor-se que Allan Kardec faz 50 anos que faleceu. As circunstâncias mudaram, o Espiritismo se estendeu, a ciência começa a interessasse por seus fenômenos e é conveniente proporcionar-lhes os meios de comprová-los, de confirmá-los.

A isto responderemos que os conceitos formulados por Allan Kardec não perderam nada de sua oportunidade. E, precisamente porque o Espiritismo se estende e está chamado a representar um grande papel, porque leva em si os elementos de salvação e de regeneração, e pelo que tem que se esforçar por preservá-lo de toda mancha, e evitar quanto possa diminuir seu valor e sua beleza. Agora sim; é incontestável que todo tráfico inspira desconfiança. O afã de ganhar leva ao charlatanismo e ao engano. Quando o médium toma o costume de tirar proveito material de suas faculdades vai resvalando pouco a pouco para a fraude, porque se os fenômenos não se produzem, procura-se imitá-los.

Em todas as partes, em que o Espiritismo é objeto de comércio, os Espíritos sérios se afastam e os espíritos inferiores vêm ocupar seu lugar.

Nestes ambientes, o Espiritismo perde toda a influência benfeitora e moralizadora, para converter-se em um verdadeiro perigo, em uma exploração da dor e das recordações aos mortos.

Em resumo, repetimos aos espíritistas e aos médiuns: Em vossas reuniões, pratiquem sempre o recolhimento e a oração. Que esta seja como um facho luminoso que alcance diretamente seu fim e atraia os bons Espíritos; se não for assim, não virão as almas que desejem, não verão vossos mortos queridos.

Não façais de vossas sessões um objeto de diversão, de curiosidade, um espetáculo para boquiabertos, senão um ato grave e solene, um ato de cultura intelectual e moral. Não atraíam os espíritos de ordem inferior, cujos fluidos podem alterar vossa saúde e provocar casos de obsessão. Não evoqueis vossos guias, senão com a consciência de que o fazeis e com respeito.

Todos têm sua missão a cumprir no Mais Além; suas ocupações são múltiplas e absorventes. Sua vida está muito distante de ser a beatitude sonhada; é uma atividade constante, uma dedicação abnegada para todas as grandes causas.

Seus ensinamentos, seus conselhos os ajudarão a suportar as vicissitudes da existência terrena, eles vos darão a certeza de novas vidas futuras, vidas de trabalho, de purificação, de dever, por meio das quais vossas almas, ao se fazerem mais tolerantes, subirão um dia para essas esferas luminosas, nas quais começarão a desfrutar as alegrias do Infinito.

Neste momento, levanta-se sobre o mundo uma grande esperança, começa a despontar uma nova aurora para o pensamento e para a ciência. O Espiritismo, que

se baseia na Verdade, é imperecível, mas sua marcha pode se ver entorpecida pelos erros e faltas de seus próprios partidários, muito mais do que pela oposição e manejos de seus adversários.

Chegará um dia em que tudo quanto ensinam os Espíritos, faz quase um século, sobre o perispírito, os fluidos, a sucessão de existências tudo será admitido como certo e confirmado pela ciência.

Reconhecer-se-á então a importância da oração na comunicação universal dos seres. E as ladainhas monótonas e intermináveis da Igreja cessarão, para dar lugar ao grito da alma para seu Pai, ao chamamento ardente do ser humano àquele de quem tudo emana e para quem tudo volta eternamente.

Quando tal dia chegar, a religião e a ciência se fundirão em uma concepção mais ampla da vida e do destino. O Espiritismo será o culto da família; o pai, mais instruído, mais culto, substituirá o sacerdote; a esposa e as filhas serão as médiuns por cujo intermédio os antepassados, as almas dos avós se manifestarão e assegurarão sua influência moral. Será o retorno à religião franca e primitiva, enriquecida pelo progresso e a evolução dos séculos; sobre esse culto familiar se cimentarão as imponentes reuniões e as mais altas manifestações de ordem estética.

Mas, para que o Espiritismo realize todo seu programa renovador, terá que separar de seu seio os germes mórbidos, todos os elementos maus que poderiam

entorpecer ou deter seu impulso. Deste modo, a responsabilidade dos espíritas é grande e devem evitar com cuidado tudo quanto possa retardar o grandioso florescimento de nossas crenças e seus efeitos moralizadores.

O Espiritismo, depois de haver sido tanto tempo repudiado, menosprezado, se impõe definitivamente pelo poder de seus fatos e pela beleza moral de sua doutrina. Converteu-se numa força radiante que se estende progressivamente pelo mundo.

Depois das provas de uma guerra de cinco anos, depois do luto e do vazio causado por tantas partidas, muitos olhares chorosos se voltam para ele.

Nós, que temos conhecido as dificuldades e os sofrimentos do princípio, comprovamos com alegria este imenso impulso que leva as almas para nossas crenças. Contudo, para assegurar a difusão e o triunfo definitivo, para obter o respeito de seus adversários e desempenhar o papel salvador que lhe corresponde na obra de ressurgimento da Pátria, o Espiritismo deve cumprir uma condição absoluta, sem a qual não é possível êxito algum, e esta condição não é outra, que a de ser sempre honrado, seguindo as tradições de seu venerado fundador.

Capítulo V

ANÁLISE DA MEDIUNIDADE

O fenômeno da mediunidade é complicado e exige certas explicações. Todos os que estudaram alguma coisa das ciências ocultas sabem que o homem tem um organismo fluídico invisível, invólucro inseparável da alma, que progride, se aperfeiçoa e se purifica com ela.

O corpo físico, com seus cinco sentidos, não é senão sua representação grosseira, sua prolongação no plano material. Os sentidos psíquicos, sufocados debaixo da carne na maioria dos homens, recobram uma parte de seus meios de ação e de percepção, durante o sono e depois da morte.

Este invólucro sutil é na realidade nossa verdadeira forma indestrutível, anterior ao nascimento e sobrevivente à morte.

Ele é o assento permanente das faculdades do espírito, enquanto que o corpo material não é senão uma espécie de vestimenta emprestada.

Esta forma elástica e comprimida explica o fenômeno do crescimento por sua ação sobre o corpo do menino, que ele faz desenvolver até que alcance seu tamanho normal.

A mediunidade é, pois, o poder que possuem certos seres de exteriorizar esses sentidos profundos da alma que, na maioria de nós, permanecem inativos e

guardados durante a vida terrestre; é uma maneira de penetrar por antecipação no mundo dos Espíritos.

Em muitos casos, não são os Espíritos que vêm ao médium, senão este quem vai até eles. A célebre vidente de Prévorst se queixava um dia de que os Espíritos se metiam em sua vida íntima. E estes a contestaram: "Não somos nós que viemos a ti; és tu quem vem a nós."

A mediunidade é, pois, por excelência, a reveladora das potências da alma; é também, um resumo de nosso modo de vida e de percepção no Mais-Além. Desta forma apresenta um duplo interesse.

A participação do médium em muitos fenômenos é grande e não se pode desconhecer que, geralmente, sua personalidade desempenha neles um certo papel. Mas, à medida que suas faculdades se desenvolvem, torna-se mais consciente da parte que se lhe pode atribuir e da que corresponde aos Espíritos, especialmente nos fenômenos de escrita.

Entre os médiuns em desenvolvimento, o cérebro é comparável a um teclado incompleto, ou melhor dizendo, a uma placa fotográfica desigualmente sensibilizada, que registra de uma forma imperfeita as imagens e os pensamentos que deve reproduzir.

O pensamento do Espírito não está representado senão por trechos de frases e fragmentos de idéias. Impõe-se a necessidade, pois, para este de encher as lacunas, utilizando termos e imagens tomados dos costumes do médium.

Em muitos fenômenos, dizemos, se encontra uma parte atribuída ao médium, a seu próprio fundo de idéias, de conhecimentos e de expressões.

Com efeito, entre pensar e expressar-se com o próprio cérebro e fazê-lo por intermédio de um cérebro estranho há uma grande diferença.

Nosso órgão cerebral está adaptado por um prolongado e constante adestramento a nossa mentalidade pessoal e revela um dos aspectos de nosso "eu". Não ocorre o mesmo com um cérebro estranho e temos que compreender as dificuldades que experimentam certos Espíritos para comunicar-se de modo tão claro e preciso como quando estavam na Terra.

Esta dificuldade, que é muito acentuada nos fenômenos de escrita, se encontra, também, ainda em menor grau, nos fenômenos de incorporação.

Assim, nosso guia, que dispõe de uma vontade e de uma força psíquica excepcionais, e que sabe tomar plena posse dos médiuns que utiliza, serviu-se algumas vezes de termos graciosos, que não lhe eram familiares e que tirava do vocabulário do médium.

A espessa cortina que nos separa do além-túmulo permanece impenetrável, para o homem revestido de seu manto carnal; porém, o espírito exteriorizado do médium, assim como o espírito livre do morto, pode atravessá-la com a mesma facilidade que um raio de sol atravessa uma teia de aranha.

É suficiente somente a exteriorização de um só de seus sentidos psíquicos para que o médium perceba os ruídos, as vozes, as formas do mundo invisível.

A intervenção dos Espíritos não é, pois, necessária em certos fenômenos, como os de visão e audição.

Porém, se o médium é capaz de penetrar em Além-Túmulo por suas próprias faculdades, não seria incapaz de transmitir aos vivos as mensagens dos habitantes dessas regiões.

Inclusive, pode, nos casos de incorporação, proporcionar-lhes os meios de manifestar-se aos humanos com tanta precisão e intensidade como se o tivessem feito durante sua permanência na Terra, com seu próprio organismo.

O fenômeno da incorporação permite aos Espíritos dar-nos provas de identidade mais abundantes e mais convincentes que qualquer outro dos procedimentos de comunicação. Os que conheceram o morto não podem confundir-se: a voz, os trejeitos, as idéias emitidas constituem outros tantos elementos de certeza no que concerne à personalidade do manifestante, especialmente quando se sabe que o

médium não pôde conhecê-lo, nem recorrer a nenhum informe sobre sua maneira de ser e seus costumes.

Eu pude dispor durante mais de trinta anos de uma excelente médium falante, por meio da qual podia comunicar-me com o Além-Túmulo e receber as instruções necessárias para prosseguir meus trabalhos.

Tive a desgraça de perder esta médium nos fins de 1917 e, desde então, tornaram-se bastante limitadas as relações com meus guias.

Depois dá anos de uma privação cruel, num certo dia de verão, vi chegar duas senhoras parisienses portadoras de uma carta de recomendação do Senhor Leymarie, e que vinham passar um mês de férias na Touraine. Eram-me completamente desconhecidas.

Durante o transcurso de uma conversação, falando de um cego, meu amigo, que havia obtido comunicações escritas, estas senhoras expressaram o desejo de vê-lo trabalhar. Organizei uma pequena sessão.

Ignorava eu, todavia, que uma delas era médium, pois não me havia dito nada. Assim minha surpresa foi grande quando logo a vi caída em transe e ouvi uma voz forte que anunciava a presença de meu guia, do poderoso Espírito cujos sábios conselhos e terna solicitude me dirigiram e sustentaram sempre em minhas tarefas de propagandista.

Durante a conversação que entabulamos, de quase uma hora, este Espírito me expôs seus pontos de vista acerca da situação do Espiritismo, falando-me de nossos trabalhos comuns no passado com detalhes minuciosos, que a médium não podia conhecer em absoluto. Todos os assistentes que há muito haviam participado das sessões que descrevi em meu livro "No Invisível", reconheceram Jerônimo de Praga, enquanto a médium ignorava completamente tudo quanto se referia a esse espírito eminente.

Após um instante de repouso, outra entidade inteiramente diferente se comunicou e pudemos ouvir a doce voz da senhora Forget.

Madame Forget era a médium preciosa a quem me refiro mais acima, já liberada então de seus laços terrestres.

Com essa jovialidade que a caracterizava fez com que a reconhecessem em seguida seus amigos presentes, e nos disse que, vendo-me privado de sua presença, em consequência de sua partida, de toda relação com o Além-Túmulo, pôs-se em campo, "pulando como um rato". A força de procurar, havia terminado por descobrir uma médium capaz de substituí-la. Ajudada por Jerônimo de Praga, havia sugerido à dita senhora que viesse a Tours para se pôr à minha disposição.

Ambas as senhoras parisienses criam perfeitamente, ao virem à minha casa, que realizavam suas próprias intenções. O que demonstra, uma vez mais, que os homens cedem, mais rapidamente do que geralmente crêem, à influência dos Espíritos.

No transcurso da mesma sessão, um incidente veio proporcionar-nos uma notável prova de identidade. Um de nossos médiuns escreventes registrou, com ajuda de um benevolente Espírito, a queixa de um suicida que implorava a ajuda de nossas orações. Este suicida lamentava sua situação dolorosa em termos que permitiram reconhecê-lo.

Uma senhora vizinha, que veio convidada por um membro do grupo e assistia pela primeira vez a uma reunião espírita, manifestou a princípio seu ceticismo acerca dos fenômenos obtidos. Porém, ao ler a última comunicação, empalideceu, perturbou-se e declarou que se tratava de seu pai, de seu próprio pai, que se havia enforcado, há alguns meses, em consequência de reveses de fortuna. Este fato nos foi confirmado posteriormente por outros habitantes da mesma localidade.

Afirmo que o Espiritismo é a religião da família. Com efeito, as relações constantes que nos permite manter com nossos queridos mortos, são em nossa vida, outros tantos elementos de força moral e de elevação.

Nossas reuniões íntimas são sempre um doce consolo e conforto. Por exemplo: em 2 de novembro passado, dia dos mortos, nos reunimos em uma

sessão, na qual, por dois médiuns em transe, nossos queridos invisíveis vieram uma vez mais conversar conosco.

Enquanto as multidões invadiam os cemitérios em busca de uma forma tangível de recordação, nós comungávamos com nossos amigos do espaço, no recolhimento do pensamento e na doce intimidade do coração.

Depois dos ensinamentos de Jerônimo de Praga e de Allan Kardec, escutamos as narrativas humorísticas de Massenet.

Logo, presenciemos uma cena emotiva, na qual o Espírito da mãe de um amigo nosso, cego, veio proporcionar a seu filho e à sua nora advertências e ternas exortações que lhes arrancaram soluços. Deu-lhes conselhos preciosos acerca de uma situação delicada. E tudo isso por intermédio de um médium que não havia conhecido o dito espírito.

Numa palavra, tivemos durante algumas horas toda a gama de sensações e emoções em uma linguagem que ia do grave ao doce, do gracioso ao severo, e que nos causou uma profunda impressão. Ao nos separarmos, sentimos que os laços que nos uniam à nossa família espiritual haviam se estreitado ainda mais e que algo de serenidade dos grandes espaços havia descido às nossas almas.

O fenômeno espírita, dizíamos, varia de natureza e de intensidade segundo as aptidões dos médiuns. Se na ordem dos fatos materiais o espírito busca sobretudo os

médiuns depositários e transmissores de forças radiantes, na ordem intelectual dedicará sua atenção, de preferência, aos que, por terem uma certa cultura, lhe oferecem recursos mais amplos para a eclosão de expressões e idéias.

É muito difícil a um Espírito produzir mensagens de forma literária ou científica por meio de um cérebro inculto. Se, com um grande esforço de

Vontade pode fazer expressar por esse cérebro nomes, palavras, datas que não se acham registrados de antemão, não lhe é possível prolongar esse esforço por muito tempo.

"Quando se nos oferece uma corneta, dizia um Espírito, não podemos obter dela os sons de uma harpa".

Outro se servia da seguinte comparação: "Nós experimentamos a mesma repugnância em nos servirmos de um cérebro inculto como uma delicada mão de mulher se serve de um enorme ferrolho enferrujado."

Acontece, às vezes, nas sessões, que vários médiuns escreventes obtêm simultaneamente mensagens firmadas com o mesmo nome, expressando idênticas idéias, embora com formas diferentes. Por isso, entre os assistentes, se fazem muitos comentários salpicados de suspeitas e de críticas. Temos que colocar esses fatos entre as fraudes e as imposturas ou ver neles a intervenção de espíritos pouco escrupulosos?

Eis aqui o que nos diz, a esse respeito, um de nossos guias:

"A telegrafia sem fios revelou que uma faísca elétrica produzida por corrente de alta frequência envia ondas em todas as direções. E estas ondas podem ser captadas por aparelhos receptores dispostos igualmente em todas as direções. Uma mesma mensagem pode ser, pois, percebida ao mesmo tempo por vários ouvintes. Este fenômeno se baseia numa lei que se aplica também às emissões fluídicas. Estas, no lugar de serem produzidas por um dínamo, podem sê-lo por um pensamento dirigido voluntariamente, de certa maneira. Um espírito encarnado ou desencarnado pode, pois, produzir, em determinadas condições, uma chispa exatamente igual à das correntes de alta frequência e enviar ondas em todas as direções., Estas ondas podem ser percebidas por sensitivos encarnados ou desencarnados que façam as vezes de receptores. Um espírito desencarnado pode influir perfeitamente, segundo estas leis e no mesmo instante, sobre vários médiuns, sem se mover do plano que habitualmente ocupa; e assim poderá enviar uma mensagem escrita, numa mensagem visual (transmissão de imagens por televisão), uma mensagem auditiva, etc... conforme os médiuns atuados e, como as faculdades intelectuais são mais sensíveis em nosso plano do que no vosso, poderá ditar a seus

médiuns várias mensagens de diferentes teores, sem ter necessidade, por isso, de se deslocar."

Quanto ao problema da subconsciência, que tem sido complicado e enrolado à vontade, se resume simplesmente pela ação em nós e fora de nós, desse centro psíquico do qual já falamos, onde se fundem, em um único sentido, todos os meios de percepção e de sensação da alma. Inconsciente, subconsciente, subliminal, ego superior, não são senão palavras para designar um mesmo princípio, o centro de nosso "eu", de nossa inteligência, de nossa consciência plena e íntegra.

Por seu desprendimento parcial ou total do corpo físico, esse centro recobra seu poder de irradiação, e ao mesmo tempo se despertam neles as recordações, os reconhecimentos, as aquisições adormecidas em estado de vigília e que os séculos passados foram acumulando no fundo do ser. Nessas condições, o médium pode penetrar nos mundos visível e invisível e recolher e transmitir seus ecos, seus rumores, seus ensinamentos.

A telepatia, a psicometria, a premonição, a leitura do futuro, os fenômenos da intuição e até certos fatos de ordem magnética se referem a esta forma de ação. A mediunidade constitui, pois, a possibilidade de irradiar nossas forças e nossos

sentidos ocultos. Nesse estado, o médium oferece mais facilidade e rapidez ao Espírito para manifestar-se.

Nos fenômenos de escrita, o Espírito pode dirigir-se seja ao subconsciente, seja à consciência normal do médium. O subconsciente, no primeiro caso, transmite ao cérebro as sugestões do manifestante, porém, o médium não perceberá tão vivamente a personalidade estranha que se manifesta nele. Então sua influência pessoal será preponderante e inevitável.

O médium pode, pois, entrar em relação com o Além-Túmulo de duas maneiras: por dissociação de seu centro psíquico, que lhe permite exercitar seus sentidos no mundo invisível e penetrar em seus mistérios, ou pela ação direta dos espíritos sobre seu organismo fluídico, por meio de transe, da escrita, da mesa, da prancheta, etc... O primeiro procedimento é o mais eficaz, porque sua aplicação repetida aumenta pouco a pouco o poder de irradiação do médium e lhe abre o acesso aos planos superiores; assim adquire a plenitude do seu "eu" pela união íntima da consciência superior com a consciência física.

Por outro lado, essa é a finalidade geral da evolução da alma: ampliar incessantemente o campo de suas irradiações e de suas percepções; ao mesmo tempo é uma forma de preparação para a vida no Espaço, a possibilidade de gozar suas profundas alegrias e sua harmonia sublime.

Na realidade, pode-se dizer que a mediunidade preenche toda a História. Ela é um dos focos que iluminam de século em século a marcha da Humanidade.

Os inventores, os poetas, os escritores célebres, quase todos aqueles a quem classificamos de gênios, tinham os sentidos psíquicos mais desenvolvidos e recebiam as inspirações de altas entidades do Espaço. Parece corra se um vasto programa se desenvolvesse através do tempo. As invenções, os descobrimentos se sucedem numa ordem prevista para marcar as etapas da civilização.

Neste imponente rol, a mulher tem uma parte considerável, sem falar de Joana D'Arc, cuja missão salvou a França no século XV, missão que estudamos em outra parte, com todos os detalhes; recordemos sobre este ponto a opinião de "Paracelso", o grande médico do Renascimento. Depois de lançar ao fogo seus livros de medicina, declara: "É das bruxas de quem aprendi tudo quanto sei de prático e benéfico." Michelet em "La Sorcière", se exprime da mesma forma. Sabido é que na Idade Média e durante o Renascimento todos os médiuns eram considerados como bruxos. Ainda hoje o é entre as mulheres de quem citamos as mais notáveis faculdades psíquicas.

Recordemos também que os grandes predestinados, os profetas, os fundadores de religiões, todos os mensageiros da verdade e do amor mantiveram comunicação com o Invisível. Graças a eles se estendeu pelo mundo o pensamento divino. Suas

palavras e seus ensinamentos brilham como relâmpagos em nossa noite e formam outras tantas brechas sobre o desconhecido, sobre o Infinito.

Podem comparar-se a esses clarões que se produzem entre as nuvens quando há tempestades, mostrando-nos o céu azul profundo, luminoso, para ocultar-se em seguida. Porém, esse instante basta para nos permitir entrever a vida ascensional e a grande hierarquia das almas que se escalonam na luz, de círculo em círculo, de esfera em esfera, até Deus.

Em torno de nós flutua, na atmosfera, a multidão de inúmeras almas inferiores e atrasadas, presas por seus fluidos grosseiros à esfera de atração da Terra e de cujos vícios não se livraram com a morte. Porém, acima dos tristes horizontes de nosso globo, planam as legiões de Espíritos protetores, benfeitores, de todos aqueles que só esperam pelo Bem, pela Verdade, pela Justiça. A escala das inteligências e das consciências vai graduando-se até às almas poderosas e radiantes, depositárias das forças divinas.

As vezes, essas altas entidades interferem na vida dos povos.

Não o fazem sempre de um modo tão notório como na epopéia de Joana D'Arc. Geralmente sua ação é de menos relevo, mais obscura, porque se as potências invisíveis, se Deus mesmo desejam ser conhecidos, também desejam que o homem faça seu esforço e lute para conhecê-los.

Quanto à eleição dos meios e formas que esses grandes Seres utilizam, temos que recordar que nosso saber é muito restrito e nossas medidas muito curtas para abarcar os vastos planos do Invisível. Porém, os fatos aí estão incontestáveis, inegáveis, como pudemos ver no transcurso da guerra passada.

De tempos em tempos, através da obscuridade que nos envolve, no fluxo e refluxo dos acontecimentos, nas horas decisivas da História, quando uma sociedade, uma nação ou a própria Humanidade se acha em perigo, uma emanção, uma delegação do poder supremo interfere para reagir contra o mal.

Vem mostrar aos homens que há, acima da Terra, infinitos recursos e sociedades melhores, às quais podemos chegar desde já com nossos pensamentos e chamadas e que um dia lograremos alcançar por nosso próprio mérito e esforço.

Índice de nomes próprios

01 - AKSAKOFF (Alexandre) - Notável investigador espírita russo. Autor de *Animismo e Espiritismo*. Realizou experiências com a célebre médium Eusápia Paladino. (1832 - 1903)

02- ARTHUR HILL - Médium

03 - ALLAN KARDEC - Codificador da Doutrina Espírita. 3 de outubro de 1804 - 31 de março de 1869

04- BOUTROUX - Filósofo

.

05 - BOTAZZI - Diretor do Instituto de Fisiologia da Universidade de Nápoles

06 - BROFFERIO - Professor universitário. Assinou atas de comprovação de fenômenos havidos em casa de M. David, em 13 de janeiro de 1899, em Avignon.

07 - BRÉMOND - Assina as atas dos fenômenos, em Avignon

08 - CONAN DOYLE (Arthur) - Médico e escritor espírita inglês. (1859 - 1930)

09 - CHALLIS - Professor da Universidade de Cambridge, Inglaterra .

10 - CARDARELLI - Senador italiano. Realizou experimentações, juntamente com o professor Botazzi.

11 - CANUEL - Assina as atas dos fenômenos, em Avignon

12 - CREWE - Clarividente e amigo de Conan Doyle

13 - DARIEX - Estudioso dos fenômenos psíquicos (Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres).

14 - DAVID (M) - Realizou reuniões em Avignon, com bons resultados. - Págs.

15 - DOMENACH - Tenente francês. Assina as atas dos fenômenos de Avignon.

16 - EUSAPIA PALADINO - Grande médium italiana, desde os 14 anos, em 1868, prestando-se a inúmeras experiências com sábios renomados: Lombroso, Aksakoff, Myers, Delanne, Bozzano, etc.

17- ERMÁCORA - Doutor em Física

18- FINZI (G) - Doutor em Física

19 - FREDERICO MYERS - Professor da Universidade de Cambridge

20 - FLAMMARION (Camille) - Célebre astrônomo francês. Espírita e grande colaborador de Allan Kardec.

21 - M. FOURCADE - Espírito comunicante.

22 - FORGET (Senhora) - Médium conhecida de Leon Denis.

23 - GUSTAVE LE BON - Médico e sociológico francês. (1841 - 1931)

24- GEROSA - Professor universitário

25 - GURNEY - Da Sociedade de Investigações Psíquicas.

26 - GALLAS (Mme.) - Médium

27 - GRIMAUD (Padre) - Fundador de uma Escola para surdos-mudos, em Avignon

28 - GÉRALD MASSEY - Opina sobre Espiritismo

29 - GRACIA - Pessoa que a médium encontra.

30 - HODGSON (Richard) - Amigo desencarnado de William James.

31 - HYSLOP J. - Professor da Universidade de Columbia, USA.

32 - JERÔNIMO DE PRAGA - Leon Denis.

33 - JOANA D'ARC - Heroína 1431)

34 - KATIE KING - Espírito comunicante por Florença Cook..

35 - LOMBROSO (César) - Criminologista, médico. Fez experimentações com Eusapia Paladino. Autor de: Hipnotismo e Espiritismo.

36 - LODGE (Oliver) - Físico inglês. Pesquisou com Eusapia Paladino. Escreveu: Raymond ou Vida e Morte.

37 - JULIA AMES - Médiun

38 - MAXWELL - Estudioso dos fenômenos psíquicos. (Sociedade de Investigações Psíquicas).

39 - MANTON - Nome de um Espírito.

40 - MASSENET (Jules) - Compositor francês. (1842 - 1912)

41 - MICHELET (Jules) - Escritor francês. (1798 - 1874)

42 - OLIVIER CROMWELL - Membro do Parlamento inglês. - (1599 - 1658)

43- PHILIPS - Amigo de Conan Doyle.

44 - PAUL GIBIER - Biólogo francês, colaborador de Pasteur. Espírita militante.

45 - PARACELSO - (Theophrastus Bombast Von Hohenheim) - Suíço, médico, filósofo hermético alquimista. (1493 - 1541).

46 - PIPER (Eleanor) - Grande médium do século XIX..

47 - RICHTER (Charles) - Grande fisiologista francês. (1850 - 1935).

48 - RAYMOND LODGE - Filho de Oliver Lodge. Como Espírito, dá importantes revelações a seu pai.

49 - ROUSSEL - Assina as atas dos fenômenos, em Avignon.

50 - RUPERTO - Espírito do filho do pastor Wynn.

51 - RICE - Médiun

52 - SCHIAPARELLI - Diretor do Observatório Astronômico de Milão.

53 - STEAD (W) - Jornalista inglês.

54- THOMPSON (Mrs) - Médiun

55 - TOURNIER - Assina as atas dos fenômenos de Avignon.

56 - WILLIAM JAMES - Filósofo e psicólogo americano. (1842 - 1910).

57 - WILLIAM CROOKES - Químico e físico inglês (1832 - 1919) - Estudou durante 3 anos os fenômenos do Espírito Katie King. Escreveu: Fatos Espíritos.

58 - WYNN - Pastor protestante - Págs. 40, 41, 42. 59 - PIET BETJA - Espírito que se apresenta -

59 – Pieta Betja – Espírito que se apresenta

60 - LEYMARIE (Pierre Gaetan) - Grande colaborador de Allan Kardec, na divulgação das obras espíritas.

FIM

